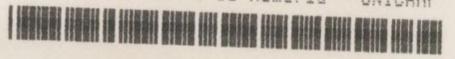


JFT 8.5.8.3.3

Biblioteca Centro de Memoria - UNICAMP



CMUHE035602

OS 58 anos da revolução que Campinas apoiou. Diário do Povo,
Campinas, 04 jul. 1982.

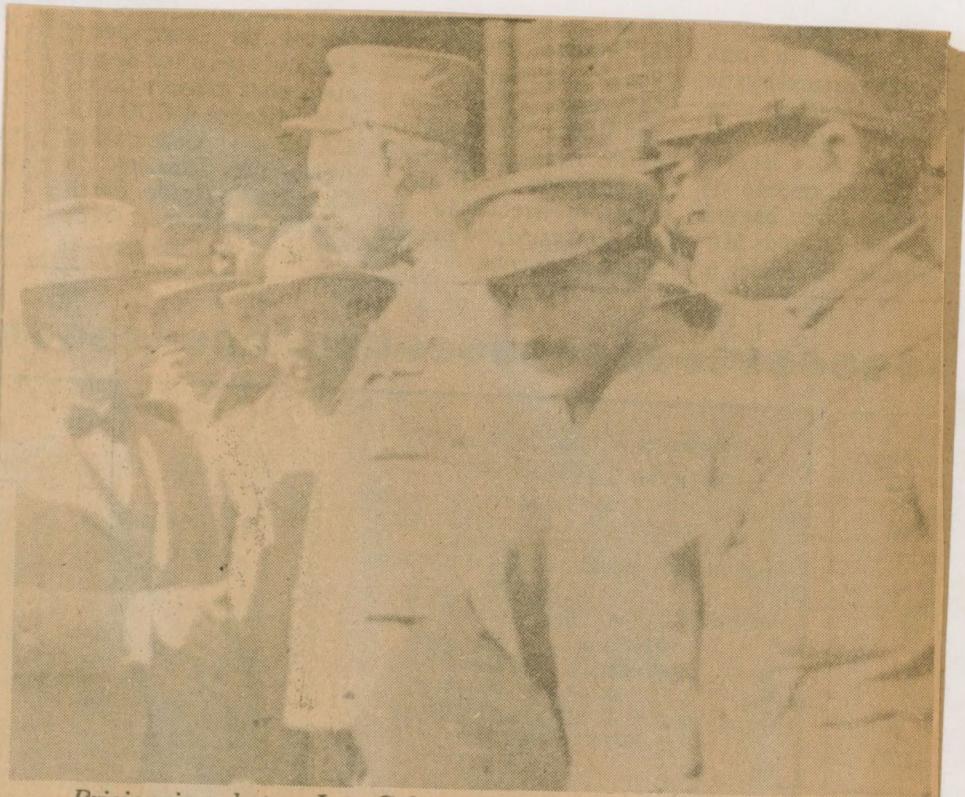
Os 58 anos da revolução que Campinas apoiou

Os revoltosos do "Forte de Copacabana" haviam sido massacrados em 1922 pelas forças do Presidente Epitácio Pessoa, não tendo os 18 revolucionários — 16 foram metralhados — recebido o apoio que se tinha prometido em outros Estados para a derrubada do governo opressor. Os seus ideais, no entanto, permaneceram vivos, preparando a revolução que veio a eclodir em São Paulo, dois anos depois, para depor o governo de Arthur Bernardes e "indicar ao povo o caminho a seguir e proporcionar-lhe os meios de reivindicar os seus direitos, substituindo os atuais poderes por forma e organização mais consetânea com os interesses gerais (...)". Era a "Revolução do Isidoro", que amanhã completa 58 anos, e que teve Campinas como um dos seus pontos de apoio, criando inclusive um "governo revolucionário", tendo o Diário do Povo sido praticamente o seu órgão oficial, divulgando comunicados e atos administrativos. A revolução foi esmagada pelo governo federal.

Eram passadas 15 horas e trinta minutos do dia 8 de julho de 1924, quando uma multidão que se aglomerava na rua Barão de Jaguara, impaciente, começou a ler um comunicado afixado pelo Diário do Povo: "acaba de ser confirmada a notícia que os revoltosos tomaram conta da cidade de São Paulo e que o Governo, abandonando-a a conselho de um general chegado do Rio, via tentar a defesa de São Paulo, fora da cidade". Era o anúncio da vitória da revolução irrompida a 5 de julho — e que amanhã completa 58 anos — para derrubar o governador de São Paulo, Carlos de Campos, e se alastrar pelo País, "para restabelecer o império da Lei, o decoro da Justiça, limitando a autoridade do Executivo dentro de uma órbita compatível com o regime republicano". Conhecida como a "Revolução do Isidoro", porque foi comandada pelo general Isidoro Dias Lopes, o movimento teve intensa repercussão em Campinas, onde chegou a ser instituído um governo revolucionário, sob o comando de Alvaro Ribeiro, tendo o "Diário do Povo" tido participação importante na divulgação das decisões dos revolucionários.

O País estava sob o governo autoritário de Arthur Bernardes e as manifestações de insatisfação sucediam-se principalmente contra a carestia e os rigores do regime opressor, que limitava a liberdade de opinião. Ajudado também pela insatisfação dos soldados da "Força Pública" (atual Polícia Militar) que haviam se revoltado em virtude dos vencimentos insuficientes que recebiam, o general Isidoro Dias Lopes comandou os revoltosos que no dia 5 de julho bombardearam o Palácio dos Campos Eliseos, sede do Governo Estadual, e fizeram prisioneiro o Comandante da 2ª Região Militar. Os primeiros comunicados dos revolucionários diziam que a "revolta visava redimir a República da infâmia de um Governo de arbítrio, prepotência e opressão". No segundo dia de combate o governador Carlos de Campos ainda resistia no Palácio, enquanto chegavam a Campinas caravanas populares, fugindo da Capital e dos combates. No dia 8 ocorreu a capitulação do Governo, com o povo comemorando efusivamente nas ruas. A Junta Revolucionária nomeia o vereador Alvaro Ribeiro para governador de Campinas, o advogado Pedro de Magalhães Júnior para Delegado Regional de Polícia, e o jornalista Tasso Magalhães para Secretário do Governo Municipal.

No dia 15 de julho, no entanto, as forças do presidente Arthur Bernardes iniciaram um intenso bombardeio a São Paulo, com uma capacidade tão destruidora que espantou nova multidão de paulistanos para Campinas, que passou então a ter os seus hotéis, pensões e colégios superlotados pelos retirantes. Três dias depois, as tropas federais já tinham controlado boa parte da Capital, com o general Sócrates expedindo o seguinte comunicado: "Ao povo — Está decretado o Estado de Sítio com a Lei Marcial, para fuzilamento imediato de qualquer civil encontrado em armas contra o Governo e suas forças legais ou que prestar auxílio aos rebeldes assaltantes da Capital de São Paulo. Avise-se ao povo que esta medida extrema entra hoje em vigor em todo o Estado". Com São Paulo sob pesado bombardeio anunciava-se o malogro da revolução, com o general Isidoro decidindo-se por retirar suas tropas para o campo e continuar a luta no sentido de conseguir apoio da opinião pública do País. Não houve esse apoio e os conjurados se dirigiram para as barrancas do rio Paraná, descendo até a Foz do Iguaçu, propagando o ideal da revolução — mesmo vencida pelas armas — que era o de lutar por "uma democracia real, uma República de verdade, uma Pátria livre, soberana, forte e unida".



Prisioneiros do ten. João Cabanas, recebidos por Álvaro Ribeiro



Refugiados de São Paulo, no Colégio Culto à Ciência, em 1924

Ruyrillo, testemunha da retirada heróica

O jornalista Ruyrillo de Magalhães era apenas um menino quando da eclosão da "Revolução do Isidoro", mas mesmo assim ele se lembra dos acontecimentos: "eu quase que poderia denominá-la das memórias de um menino revolucionário, tão viva está, ainda hoje, em minha mente. Lembro-me das narrativas da época e assisti lances da retirada heróica, pois habitava nas proximidades da Estação da Paulista. O velho general Isidoro Dias Lopes, o major Miguel Costa, o ca-

pitão Juarez Távora, o capitão Nelson de Melo, o legendário tenente Cabanas...

...As fardas azul e vermelho, tipo francês, da Força Pública de São Paulo. As blusas cáqui e os chapêlões de escoteiro com as abas largas. Os canhões 75, as cavalhada indócil, as velhas metralhadoras Hotkiss. Essas são imagens que não me abandonarão jamais".

Hoje, depois de ter estudado o movimento revolucionário através de várias

publicações, Ruyrillo — que é professor universitário de Direito Administrativo e Teoria Geral da Administração — não tem dúvidas da sua importância histórica: "a passagem dos retirantes por Campinas merecia ter sido filmada, para que se observasse a ordem dos comboios e o espírito altivo daqueles que iriam levar a luta para os sertões em fim, objetivando levantar o povo do Interior da apatia de anos de tortura, de exploração, de prepotência inominável".